



VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est

Culturas políticas e conflitos sociais



A ALIANÇA ENTRE O GETULISTA DE PRIMEIRA HORA E O HOMEM DA GAITA NA DISPUTA PELOS RUMOS DO GETULISMO NO PTB DO ESPÍRITO SANTO (1945 – 1951)

Lucian Rodrigues Cardoso¹

Resumo: No presente trabalho analisa-se as decisões e discussões originárias do Partido Trabalhista Brasileiro no Espírito Santo, porque típicas de sua formação. Se um partido de tipo carismático espera que o sujeito portador desta característica arbitre sobre suas dissidências e seus conflitos internos, Getúlio Vargas negava ao PTB o peso de sua mão para direcioná-lo, sob risco de despertar a ira do partido caudatário de sua estabilidade política, o PSD. Desta maneira, o nascituro partido comportou, também no Espírito Santo, sucessivos conflitos internos durante boa parte de sua existência. Em sua fase inicial, discursivamente, as disputas recaíam sobre a celeuma de quem seria mais agraciado pelo líder; quem poderia defender melhor seu legado e sua permanência política. Porém, se as disputas organizacionais durante os primeiros anos do PTB capixaba assentavam-se no debate em torno de *quem* seria mais getulista, uma análise mais minuciosa aponta que o que estava em jogo era a definição, não de *quem*, *stricto sensu*, mas de *como* deveria ser o getulismo no Espírito Santo.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Espírito Santo. Possui pesquisa em andamento sobre a história do Partido Trabalhista Brasileiro no Espírito Santo, de 1945 à 1964. Bolsista CAPES. E-mail: lucianrc2004@hotmail.com

Palavras-chave: Espírito Santo; getulismo; PTB capixaba

Resumen: En el presente trabajo se analizan las decisiones y discusiones originarias del Partido Laborista Brasileño en el Espírito Santo, porque típicas de su formación. Si un partido de tipo carismático espera que el sujeto portador de esta característica arbitre sobre sus disidencias y sus conflictos internos, Getúlio Vargas negaba al PTB el peso de su mano para dirigirlo, bajo riesgo de despertar la ira del partido caudatario de su estabilidad política, el PSD. De esta manera, el nacido partido comportó, también en el Espírito Santo, sucesivos conflictos internos durante buena parte de su existencia. En su fase inicial, discursivamente, las disputas recaían sobre la celebración de quien sería más agraciado por el líder; quien podría defender mejor su legado y su permanencia política. Sin embargo, si las disputas organizacionales durante los primeros años del PTB capixaba se asentaban en el debate en torno a quién sería más getulista, un análisis más minucioso apunta que lo que estaba en juego era la definición, no de *quien, stricto sensu*, pero *como* debería ser el getulismo en el Espírito Santo.

Palabras clave: Espírito Santo; getulismo; PTB capixaba

INTRODUÇÃO

O Partido Trabalhista Brasileiro formou sua primeira Comissão Executiva Nacional em 15 de maio de 1945. A agremiação surgiu por esforço de Marcondes Filho, quando Ministro do Trabalho do Estado Novo (1937-1945), e tinha como objetivo arregimentar as lideranças sindicais e as ligadas ao Ministério do Trabalho e suas autarquias, de modo que estas defendessem o nome e a legislação social varguista, além de canalizar eleitoralmente o apoio das massas trabalhadoras urbanas.

As fontes não são precisas quanto ao processo de formação do PTB em solo capixaba. As eleições de 1945, para Presidente da República, Senado e Câmara Federal, embora contasse com candidatos petebistas do Espírito Santo, parece preceder a qualquer mínima organização da agremiação. A formação inicial do PTB ainda é ponto obscuro, embora Marta Zorzal e Silva (1986) aponte o *Queremismo* como aquele que “[...] no movimento subsequente [à queda de Vargas], não deixaria de fornecer seu apoio e bases para o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB que estava sendo organizado” (p. 263).

Apesar das lacunas nos documentos escritos, percebe-se que a fundação do PTB do Espírito Santo acompanha o desejo das elites partidárias nacionais de transformar dirigentes sindicais em lideranças capazes de promover a organização do partido e arregimentar eleitores. Por isso, entre os primeiros fundadores do partido no Espírito Santo pode-se destacar: Manoel Vianna Neto, então presidente do Sindicato dos Ferroviários da Vitória a Minas; Antônio Jacob Paixão, comerciário e membro do Diretório Central do PTB em sua fundação, na I Convenção Nacional, realizada entre 26 de Agosto e 5 de setembro de 1945; Alcyro de Souza Poubel; Adelpho Poli Monjardim (membro de família abastada no estado, escritor e funcionário público de Vitória); Guilherme dos Santos Neves (vogal da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho, representando os empregadores; Luiz Batista; Mozart Medina de Mendonça; Nilo Guimarães, Saturnino Rangel Mauro², Racine Leão Castelo, e outros elementos. (SILVA, 1986, p. 264).

² Um dos fundadores da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Estrada de Ferro Vitória a Minas, foi, em 1936, eleito vereador e presidente do Centro Político Distrital de Argolas – bairro operário do município de Vila Velha -. No mesmo ano, Mauro foi eleito presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio do Espírito Santo, ficando em sua presidência até 1947. Ainda antes da redemocratização, em 1941, o trabalhista foi nomeado por Vargas à vogal da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho no Espírito Santo. Findado o Estado Novo, em 1945, Saturnino Rangel Mauro foi preso no 3º Batalhão de Caçadores.

Desta maneira, em sua maioria, os fundadores da agremiação trabalhista dizem respeito a elementos sindicais e de autarquias do Ministério do Trabalho, comportando elementos tanto de representação dos trabalhadores como dos empregadores. A formação congregava, então, elementos ligados aos sindicatos e à burocracia do Estado Novo.

Porém, se nos primeiros anos da agremiação os sindicalistas possuíam papel destacado nos rumos partidários e do getulismo capixaba, com o avançar do período democrático, a aliança entre os burocratas, liderados por Edison Pitombo Cavalcanti, e os empresários, sob liderança de José Alexandre Buaiz, alijaria a ala dos sindicalistas ligados a Saturnino Rangel Mauro dos postos de comando da sigla, marcando indelevelmente a organização do PTB no Espírito Santo.

OS PRIMEIROS ANOS DO PTB CAPIXABA: A LIDERANÇA DO SINDICALISTA SATURNINO RANGEL MAURO

Em 1946, na campanha eleitoral para o governo do Estado, o PTB capixaba estava em vias de construir uma organização mais sólida. É sintomático que sua estrutura física e de comando ainda não estavam plenamente constituídas, visto que era cogitado, devido a conflitos internos na agremiação pessedista, a filiação de Jones dos Santos Neves, ex-interventor e um dos fundadores do PSD capixaba, ao PTB. Corriam rumores de que o ex-interventor, uma vez que “[...] sua posição no PSD era precaríssima conforme os fatos [...]”, teria enviado seu irmão, Guilherme dos Santos Neves, um dos fundadores do PTB capixaba, para negociar sua ida para a agremiação trabalhista, sob a condição de ganhar a presidência da organização.³

À parte a veracidade ou não, o que se aufere da cogitação de Santos Neves pousar no ninho petebista é a imagem de um partido ainda com um comando não consolidado, a ponto de se cogitar um fundador do PSD inscrever-se no partido já como presidente

³ POLITICA do Estado: O acordo Jones - PTB. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 17 mai. 1946.

da agremiação. Entretanto, não era um elemento qualquer. Jones dos Santos Neves foi interventor de Vargas e seguia sua orientação quanto à política desenvolvimentista, embora possuísse perfil mais técnico. Isto evidencia um PTB em que ser *amigo de primeira hora* de Vargas era requisito primeiro - e talvez o único - para um elemento cerrar fileiras no Partido Trabalhista Brasileiro, o que garantiu a miscelânea de interesses em sua formação.

Passados os dois primeiros anos conturbados e incertos verificados nas fontes disponíveis, já seguindo à campanha eleitoral para o pleito estadual de 1947, a direção do PTB capixaba sustentava que o partido se abstivesse das eleições presidenciais e conclamasse aos trabalhadores para que votassem nos candidatos petebistas para as casas legislativas estaduais. Nesse sentido, em nota oficial, o partido afirmava que não teria candidatos a Governadoria e nem a 3º Senador, deixando seu eleitorado livre de compromissos, interessando a votação na chapa de deputados, “[...] para qual espera integral apoio de todos os trabalhistas do Espírito Santo, os verdadeiros amigos do Senador Getúlio Vargas”⁴. Essa decisão reflete um dos principais problemas para os primeiros anos da agremiação nacionalmente, que se refletiu também no Espírito Santo: uma corrente optava por tendências isolacionistas e outras optavam por alianças e acordos com outros setores da política nacional.

Durante a campanha, o PTB apresentou vinte e seis candidatos a deputação estadual. Entre estes, destaca-se a presença de seis elementos provenientes dos sindicatos e autarquias do Ministério do Trabalho durante o Estado Novo e que, posteriormente, ocuparam postos importantes na administração do PTB estadual. Antonio Jacob da Paixão era comerciário e membro do Diretório Central do PTB em sua fundação, na I Convenção Nacional, realizada entre 26 de agosto e 5 de setembro de 1945, representando o Espírito Santo; Alvaro Fraga era advogado de sindicatos; Altamir Faria Gonçalves, pertencente a direção do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de 1937 a 1952 (sendo presidente de 1941 a 1951);

⁴ PARTIDO Trabalhista Brasileiro: Ao povo. *A Gazeta*, Vitória, p. 06, 05 jan. 1947.

Guilherme dos Santos Neves, vogal dos empregadores na Junta de Conciliação e Julgamento durante o Estado Novo; Manoel Vianna Netto, presidente do Sindicato dos Ferroviários da Vitória a Minas em 1945) e Saturnino Rangel Mauro, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio do ES, em 1946, diretor Presidente da Caixa Beneficente da Associação dos Sindicatos de Empregados do Comércio do ES, além de vogal dos empregados na Junta de Conciliação de Julgamento do Ministério do Trabalho, durante o Estado Novo.

Neste pleito, o prestígio de Saturnino Mauro no município de Vila Velha e no interior foi decisivo, sendo eleito deputado com 896 votos, a maior votação da bancada trabalhista. Além dele, também fora eleito o professor José Monteiro Peixoto com 833 votos. A partir daí, o caminho estava pavimentado para o comando de Saturnino Rangel Mauro na sigla trabalhista do Espírito Santo, não sem oposições, pelo menos até o pleito de 1950.

Assim, logo após o pleito, em maio de 1947, o PTB estadual convoca os membros do Diretório Estadual para tratar de assuntos relevantes, principalmente no que tange a reestruturação do PTB no Estado.⁵ Ao que parece, Saturnino Mauro reunia as tropas para, então, trazer para si o butim conseguido com o pleito através do comando da Comissão Estadual de Coordenação, “[...] com poderes para processar a reestruturação do nosso Partido, neste Estado [...]”⁶. Possivelmente, numa demonstração da força dos elementos sindicais nesses primeiros anos do PTB capixaba, assina a referida nota Alvaro Fraga, 2º secretário e advogado do sindicato dos comerciários, presidido por Rangel Mauro.

A partir daí, o sindicalista toma as rédeas visando a reestruturação do partido e as eleições municipais de 1947. Não à toa que, logo após uma convocação dos membros do Diretório Estadual do PTB para reunião visando a tomada de decisões

⁵ OLIVEIRA, Gualter. Partido Trabalhista Brasileiro. *A Gazeta*, Vitória, p. 04, 29 mai. 1947.

⁶ FRAGA, Alvaro. Partido Trabalhista Brasileiro: comunicação. *A Gazeta*, Vitória, p. 04, 31 mai. 1947.

administrativas e político-partidárias, decidiu-se pela candidatura de Domício Mendes, um aliado rangelista em um dos principais municípios capixabas, Vila Velha.⁷

A consolidação de Saturnino Mauro no comando da sigla veio com as eleições municipais, em fins de 1947. Na Câmara Municipal de Vitória, o PTB elegeu o sindicalista Altamir Faria Gonçalves e um aliado de Mauro, Oscar Paulo da Silva, sendo este o segundo mais votado na capital. Neste certame, a organização constituiu-se na segunda força na capital, ficando atrás da UDN, com 3 cadeiras, e empatando com o PSD, com duas. Em Vila Velha, seu aliado mais próximo, Domício Mendes, foi eleito prefeito, vencendo o candidato do PSD com quase o dobro de votos (2077 votos x 1154). Além disso, na cidade canela-verde, o PTB ganhou nos votos da legenda com 1279, contra o PSD, com 1145, UDN, com 540, e PDC com 203.⁸

No que concerne à relação com o governo estadual de Carlos Lindeberg, do PSD, a estratégia de Saturnino Mauro no comando da sigla foi criar uma atuação independente, aliando-se, na Assembleia Legislativa, com as oposições coligadas de UDN, PR, PDC e PRP. Assim, se no início da legislatura, o presidente da organização trabalhista defende que o PTB não tem nenhum compromisso com o governo Lindenber, embora julgasse oportuna uma moção de confiança ao governo, proposta e aprovada na casa de leis⁹, no ano seguinte, a relação entre o presidente estadual do PTB e o governo de Lindenber iria azedar. Assim, o PTB, de elemento independente ao governo de Lindenber (PSD), passava a arquitetar derrotas para o governador.

Desse modo, a presidência de Saturnino Mauro Rangel no PTB capixaba começa com uma forte tendência de independência frente ao Aparelho de Estado. Por isso, outra estratégia traçada pela Executiva Estadual sob o comando dele foi fortalecer os

⁷ POLITICA do Estado: Lançada a candidatura pessedista à prefeitura de Vila Velha. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 20 set. 1947.

⁸ O pleito de 30 de novembro: Espetacular derrota do PSD em Vila Velha – Vence a UDN em Alegre, Afonso Claudio e Cariacica. *A Gazeta*, Vitória, p. 06, 03 dez. 1947.

⁹ ASSEMBLÉIA Constituinte Estadual. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 04 abr. 1947.

diretórios regionais e municipais no interior e nos bairros periféricos da Grande Vitória. Em 1949, por exemplo, uma nota do partido noticia a instalação do Diretório Regional do PTB do Forte São João, bairro periférico e operário de Vitória, contando com a presença dos deputados petebistas, Mauro e José Monteiro, além dos vereadores da capital, Altamir Faria Gonçalves e Oscar Paulo. A nota reforça que o partido conta com muitos adeptos na referida comunidade operária, relevando um potencial eleitoral nessas regiões da cidade.¹⁰

Entretanto, esta estratégia, supõe-se, estava posta desde a fundação do partido. Em entrevista ao jornal *A Gazeta*, o vereador petebista na Câmara Municipal de Vitória, Oscar Paulo da Silva, disserta que, antes de 1930, fundou com amigos o centro eleitoral em Santo Antônio, outro bairro da periferia da capital capixaba, moradia de grande número de elementos das classes populares. Já em 1949, o centro eleitoral contava com 800 eleitores. Ainda, relembra Paulo, que o centro eleitoral foi fechado com a revolução de 1930. Entretanto, como era simpático à “causa” e a Vargas, aceitou o convite do amigo, Saturnino Rangel Mauro, para se candidatar a deputado em 1946, sem, segundo ele, fazer rigorosa propaganda. Na capital, foi o mais votado com 400 votos. Para vereador, foi estimulado por amigos - possivelmente, Mauro aí incluído. Afirma, o então vereador, ter levado benefícios para outros bairros da periferia de Vitória, Morro dos Alagoanos, Ilha do Príncipe, Ilha das Caieiras e, sobretudo, Santo Antônio.¹¹ Não parece ter sido ocasionalmente que, durante a formação do PTB capixaba, o sindicalista Rangel Mauro conclamou seus amigos com peso eleitoral nas periferias para compor com ele nas fileiras do partido.

Mesmo diante dessas estratégias, segundo Maria Celina Soares D’araujo (1996), a dificuldade em transformar dirigentes sindicais em lideranças com capacidade de obter votos e em dirigentes partidários era tarefa árdua. Isto trazia instabilidade e desorientação ao partido. (D’ARAUJO, 1996, p. 21)

¹⁰ PARTIDO Trabalhista Brasileiro. *A Gazeta*, Vitória, p. 04, 10 jun. 1949.

¹¹ CAMARA Municipal de Vitória. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 13 jul. 1949.

A entrevista, a presença de lideranças sindicais entre candidatos e diretores do PTB nos primeiros anos, assim como o movimento de independência com o governo pessedista de Lindeberg - não sendo um alinhamento automático aos partidos da oposição -, demonstra que Saturnino Mauro buscava criar as bases do partido por meio de alianças com lideranças sindicais e locais, muito mais que através da máquina do Estado.

Entretanto, se a força que movia o partido “[...] e que lhe dava sustentação emanava do carisma de Vargas [...] não foi suficiente para evitar que em torno do partido se formassem grandes zonas de incerteza [...]” (D’ARAUJO, 1996, p. 21), fazendo com que o partido enfrentasse disputas internas ao longo de toda a sua formação.

As disputas internas começaram a ficar favoráveis a um grupo de membros do partido. Diante de fissuras internas dos quadros nacionais, em 1948, deu-se o afastamento do então presidente nacional do PTB, Baeta Neves, e uma Comissão Provisória fora eleita para pacificar o partido. Getúlio Vargas tornou-se o presidente formal da comissão, tendo Salgado Filho como seu vice e presidente efetivo. O Senador Salgado Filho viajou por todo o país visando unificar o PTB nacional, o que “[...] era uma tentativa de tirar o PTB do cotidiano de disputas pessoais e lançá-lo na política nacional, visando a sucessão presidencial” (D’ARAUJO, 1996, p. 52). D’araujo (1996) demonstra que a gestão de Salgado Filho se configurou numa vitória de grande fileira de getulistas, desejosos de “[...] transformar o partido em interlocutor válido dos setores dominantes da política brasileira [...]” (p. 52). Esse fato seria o sinal de que o PTB não seria mais construído como um partido dirigido por lideranças sindicais.

A INTERVENÇÃO DA EXECUTIVA NACIONAL NO PTB CAPIXABA: A ALIANÇA ENTRE O *GETULISTA DE PRIMEIRA HORA* E O *HOMEM DA GAITA*

Durante as eleições de 1950 para Presidente e Senadores da República; Deputados Federais; Governadores e Deputados Estaduais, a dinâmica do comando do PTB capixaba mudou. Saturnino Rangel Mauro balançava entre o apoio as candidaturas do PSD - com Jones dos Santos Neves para governador e Carlos Lindenberg para o Senado Federal -, e a aliança com a Coligação Democrática¹².

Na ocasião, além de Saturnino Mauro, o vice-presidente do PTB capixaba, José Alexandre Buaiz, abastado industrial e comerciante da capital, também era o responsável pela costura de alianças para o pleito. Porém, Buaiz estava inclinado ao apoio à sigla pessedista.

Segundo *A Gazeta*, comentando a atuação de Mauro e Buaiz nos preparativos da eleição, se o sindicalista era o garantidor de votos, “[...] o sr. José Buaiz... bem, infelizmente, a colônia síria não vota... mas tem a “gaita””.¹³ Dessa maneira, a reportagem que noticia tal acordo apresenta duas lideranças assentadas em garantias diferentes: a de Saturnino Rangel Mauro, em votos, e a de José Alexandre Buaiz, em seus recursos financeiros, a dita *gaita*.

Mais forte, porém, demonstrou-se a *gaita*. Após o adiamento da decisão sobre com quem a organização trabalhista marcharia nas eleições no Espírito Santo, uma intervenção da Executiva Nacional garantiu o apoio ao PSD capixaba. Em julho de 1950, o PTB realizou sua convenção estadual e, com a presença de representantes de todos os diretórios municipais e distritais, referendou a seguinte chapa: Getúlio Vargas

¹² Coligação Democrática era a denominação para o grupo que comportava os partidos contrários ao PSD em determinadas eleições estaduais para o período 1945-1964. A primeira Coligação Democrática surgiu nas eleições de 1947, em que Atílio Vivacqua, pelo PR, disputou a eleição para governador contra Carlos Lindenberg, do PSD. Os partidos que compuseram a coligação variaram conforme as eleições, sendo que em duas ocasiões, o referido grupo sagrou-se vitorioso no pleito à governadoria, em 1954 e 1962 com Francisco Lacerda de Aguiar, o Chiquinho.

¹³ CRUZEIROS & Centavos. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 30 dez. 1949.

para Presidente, pelo PTB; Jones dos Santos Neves, do PSD, para Governador; Francisco Alves de Athayde para Vice-Governador, também do PSD; Lindenberg (PSD) para Senador e Edison Pitombo Cavalcanti, do PTB, para suplente de Senador.

A interferência da Executiva Nacional não pararia por aí. Ainda durante a campanha eleitoral haviam boatos de que José Alexandre Buaiz fora, por mais de uma vez, pedir a intervenção do comando nacional partidário contra a presidência de Saturnino Rangel Mauro no PTB/ES. Apesar de negar por diversas vezes, logo após as eleições de 1950 em que a chapa PTB-PSD sagrou-se vencedora no Espírito Santo, a Executiva Nacional do Partido confirma a intervenção no comando da seção estadual.

A retirada de Saturnino Rangel Mauro da presidência do PTB capixaba foi justificada sob uma acusação: o sindicalista não prepara o partido de modo que aproveitasse eleitoralmente a eleição de Getúlio Vargas como presidente da república, uma vez que não prepara candidaturas de envergadura para o partido. Desse modo, a acusação era de que o partido não possuía uma organização sólida e, por isso, não crescia eleitoralmente. A culpa parecia estar no comportamento menos aliancista de Saturnino Rangel Mauro para com o PSD capixaba, detentor da máquina estatal. O agravante assentava-se nas eleições para a Prefeitura Municipal de Vila Velha que fora impugnada, fazendo com que Saturnino Rangel Mauro ficasse fora de qualquer cargo eletivo em 1951.

Se já havia um motivo, uma ideia corrente nas hostes petebistas opositoras ao comando da sigla por Saturnino Mauro, também já havia um nome para substituí-lo. Menos de um mês depois das eleições, anunciou-se o novo interventor do PTB capixaba, Edison Pitombo Cavalcanti, apoiado pela Executiva Nacional e por Getúlio Vargas. José Buaiz, provando que não ficou nas sombras da presidência do sindicalista Mauro, também ganhou um posto de comando Comitê Político de Reestruturação Partidária. Tratava-se, agora, de reformular o partido e alijar dos postos de comando os líderes do primeiro momento de formação.

Edison Pitombo Cavalcanti foi, desde a fundação, presidente de honra do PTB capixaba, embora vivesse afastado da política capixaba. Antes disso, durante o Estado Novo, foi Inspetor Chefe do Trabalho, Diretor do Departamento Nacional do Trabalho, cooperou na implantação e execução da Consolidação das Leis Trabalhistas, *CLT*, tendo organizado e dirigido o Serviço de Alimentação da Previdência Social, *SAPS*,¹⁴ até 1945. Trata-se, desta maneira, de uma figura *outsider* da política capixaba, porém com trânsito livre entre as lideranças nacionais do trabalhismo, chamado, por isso, de o *amigo ou getulista de primeira hora* de Vargas. Não foi ocasional, assim, que se tornou o interventor na Executiva Nacional após a destituição de Saturnino Mauro da Presidência do PTB estadual.

Essa ligação com lideranças nacionais está presente em uma nota oficial assinada pelo PTB nacional. A nota do presidente da Comissão Executiva Nacional do Partido Trabalhista Brasileiro, Danton Coelho, “[...] considerando os inexplicáveis e descabidos rumores que têm chegado ao meu conhecimento acerca da situação reinante nos meios petebistas espiritossantenses [...]” diz que a destituição da antiga Comissão Executiva Estadual sob a presidência de Saturnino Mauro foi devido a “[...] imperiosos motivos disciplinares [...]” e “[...] relevante interesse partidário [...]”. Nesse sentido, esclarece que Edison Pitombo Cavalcanti, “[...] pela sua elogiável firmeza e lealdade partidária [...]” conta com seu apoio da referida Comissão e de Vargas, conclamando aos petebistas para apoiá-lo “[...] nos trabalhos de reestruturação e soerguimento do partido [...]”. Por extensão, cumprimenta o PSD por colaborar na “[...] vitória de nossos ideais políticos personificados na figura exponencial do grande líder GETÚLIO VARGAS [...]”.¹⁵

A hipótese defendida neste artigo é a de que o sindicalista Saturnino Mauro fora retirado pelo partido devido às repercussões da tese nacional, defendida na II

¹⁴Autarquia criada por Vargas a partir de 1940 que congregava restaurantes populares com espaços de lazer e de promoção cultural.

¹⁵ COELHO, Danton. Aos correligionários do Espírito Santo. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 09 set. 1950.

Convenção Nacional, em 1947, de que um partido nas mãos de lideranças sindicais seria inviável. Era necessário a incorporação de elementos de outros setores sociais, inclusive, de empresários.

Nesse sentido, em 1951, durante o processo de reestruturação partidária, o empresário e membro do Comitê Político de Reestruturação Partidária, José Buaiz, argumentou que “[...] a vida do PTB no Espírito Santo será marcada, de início, por um amplo movimento de reestruturação [...]”. Essa reestruturação, segundo o abastado comerciante, seria “[...] em todos os sentidos, incluindo-se também, o voluntariado político-partidário, destinado a receber quantos queiram fortalecer as nossas fileiras com suas adesões e sua colaboração [...]”. Assim, parece ter havido uma mudança no recrutamento das bases partidárias. Com os novos comandantes, as origens dos novos filiados pouco importavam, senão seu desejo de colaborar com o maior peso da sigla. Continuando, afirma, portanto, que arregimentaria apoiadores de “todos os setores” e municípios, “[...] trabalhando, como se vê, não apenas pelo engrandecimento do Partido mas pela arregimentação dos valores expressivos [...]”.¹⁶

Esse conflito parece demonstrar que havia uma pressão para buscar filiações muito mais pautadas nos ganhos eleitorais que na identificação programática. A intervenção no PTB capixaba se efetivou em setembro de 1950, mas seu começo pode ser detectado já em 1947. Nos dias 5 a 10 de março de 1947, ocorreu a II Convenção Nacional do PTB, que aprovou uma reforma nos estatutos, o aumento do Diretório Nacional e promoveu a eleição de nova Comissão Executiva. Esta reforma visou ampliar a participação de diferentes regiões do país, ao mesmo tempo visava englobar novos setores sociais, diminuindo o número de trabalhadores em favor de políticos mais abastados e de maior tradição.

Nesse esforço de mudança de paradigma nas filiações partidárias, Edison Pitombo Cavalcanti, após ser nomeado interventor, concedia entrevistas criticando o comando

¹⁶ FORTALECIDOS os laços do acordo PTB-PSD. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 28 fev. 1951.

anterior do PTB capixaba e traçava planos de reestruturação partidária. Para fim de reestruturação, o Estado foi dividido em três zonas políticas: “[...] a norte, convergindo para Colatina, a centro, com jurisdição em Vitória, e a sul, dependente de Cachoeiro do Itapemirim”.¹⁷ A organização, nesses moldes, “[...] contem algumas inovações, tais como a criação de Diretórios Regionais e de Agrupamentos Políticos, com a manutenção, entretanto, das determinações estatutárias e dos Diretórios Municipais como postos-chave do nosso sistema político [...]”.¹⁸ Ao passo que faria a reestruturação, Cavalcanti anuncia que a nova direção tomaria medidas contra elementos que ainda, segundo ele, interferiam na estabilidade do partido, para “[...] proceder ao saneamento político que se fizer mister [...]”.¹⁹ Desta maneira, se Saturnino Mauro gozava de prestígio com os petebistas do interior do Espírito Santo, a reestruturação do PTB com a nova divisão por regiões poderia encaminhar aos postos de comando do partido os apoiadores da nova gestão partidária.

Jones dos Santos Neves foi eleito em 1950 para a Governadoria do Estado, e, por isso, cabia ao PTB a indicação para cargos na administração estadual. Dito isso, Edison Cavalcanti informou que consultou as bases para escolher o nome do PTB para a Secretaria de Educação do Estado, Prefeitura de Vitória, diretores do Departamento de Municipalidades e Secretaria de Saúde. A região sul indicou um nome para a secretaria de saúde; Vitória (região centro) a de seu prefeito; Colatina (região norte) e São Mateus, respectivamente, os nomes dos diretores dos Departamentos de Municipalidades e de Saúde.²⁰ Essa divisão das hostes petebistas por região, efetivada por essa consulta às bases partidárias sob essa divisão, parece também dizer respeito a

¹⁷ EDISON Pitombo, líder do PTB capixaba, declara: “Toda a nossa atenção está devotada à reestruturação do Partido e à cooperação com o governo do sr. Jones dos Santos Neves”. *A Gazeta*, Vitória, p. 01, 30 jan. 1951.

¹⁸ Id. 30 jan. 1951.

¹⁹ Id. 30 jan. 1951.

²⁰ Id. 30 jan. 1951.

manobra de alijar Mauro e seu grupo de sindicalistas e lideranças locais de decisões importantes do partido.

Mauro, durante sua presidência no partido, não foi um entusiasta dos elementos pessedistas. Sua atuação na Assembleia passou de uma neutralidade para oposição ao então governador do Estado, liderança forte do PSD, Carlos Lindenberg. Ao que parece, se Rangel Mauro não foi tirado da presidência somente por flertar com a *Coligação Democrática* ou por defender um viés mais independente para o PTB durante as eleições de 1950, sua retirada se deveu também ao não desejo de que ele comandasse as indicações para os cargos resultantes dessa aliança. De qualquer forma, a aliança com o PSD não parece ter sido algo defendido com entusiasmo pelo ex-presidente, Saturnino Mauro, ficando a decisão por aquela à cargo da decisão da Executiva Nacional.

A força do *getulista de primeira hora*, amigo pessoal de Vargas, Edison Pitombo Cavalcanti, adicionada a força dos recursos financeiros do *homem da gaita*, José Alexandre Buaiz, não foi páreo para a liderança de Saturnino Mauro. Cabia agora, depois de retirado da presidência, manobrar o partido de modo a neutralizar a força do sindicalista.

Para isso, no dia 25 de maio de 1951 chegava ao fim a reestruturação dos quadros do PTB capixaba. Convocada pela Comissão Reestruturadora Estadual e seu Comitê Político, a Assembleia Estadual elegeu o Diretório Estadual e a respectiva Comissão Executiva, com mandatos por dois anos. Antes da reunião, porém, ocorreu a reestruturação dos diretórios municipais da capital e do interior. A eleição da Comissão Executiva, referendou o burocrata Edison Pitombo Cavalcanti como presidente e o empresário José Alexandre Buaiz como vice-presidente da agremiação trabalhista.

É curioso que a prometida inclusão de Saturnino Mauro na nova Comissão Executiva não se efetivou. O sindicalista de Vila Velha era ainda candidato à Prefeitura de Vila Velha, eleição não realizada até maio de 1951, e não exercia nenhum outro cargo eletivo. Assim, se a presidência do PTB ficou com o burocrata, Cavalcanti, e a

vice-presidência com o empresário, Buaiç, a não participação do sindicalista Mauro em eleições parece ter tirado - o que também reforça a ideia anteriormente defendida - o foco de onde emanava sua liderança, os números eleitorais depositados em seu nome.

Retirado de qualquer posto de comando no Partido Trabalhista Brasileiro capixaba, somando-se a derrota de sua candidatura à Prefeitura Municipal de Vila Velha em 1951, Saturnino Rangel Mauro não suportou a pressão interna. A pouca autonomia do partido em suas seções estaduais acirrava a convivência conflitiva entre sindicalistas, empresários e burocratas, que não chegaria ao fim. Mas, no PTB capixaba estava definida, provisoriamente, com a aliança das forças daqueles que têm os pesos da *amizade* e da *gaita*.

CONCLUSÃO

A afirmação de Angela de Castro Gomes de que, diante do patrocínio oficial de Vargas à formação do PSD e seu empenho na candidatura de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, o PTB era visto em sua formação como “[...] um filho dileto, porém espúrio, cujo franco e rápido reconhecimento poderia causar problemas [...]” (GOMES, 2005, p. 283), dá a dimensão da crise que este pensamento causaria em um partido criado sob a mística do varguismo.

Enquanto um partido carismático, em que “[...] o líder se torna para o eleitorado, assim como para uma parte majoritária dos militantes, o intérprete autorizado da política do partido [...]” (PANEBIANCO, 2005, p. 98), esperava-se que este elemento arbitrasse sobre suas dissidências e seus conflitos internos, porém, Getúlio Vargas negava ao PTB o peso de sua mão para direcioná-lo, sob risco de despertar a ira do partido caudatário de sua estabilidade política, o PSD.

Desta forma, o nascituro partido carismático comportou sucessivos conflitos internos durante boa parte de sua existência. Em sua fase inicial, discursivamente, as disputas nos conflitos caíam na discussão sobre quem seria mais agraciado pelo líder,

que poderia defender melhor seu legado e sua permanência política. Por isso, no PTB capixaba, a disputa se dava por quem era mais getulista. Se, em 1950, Saturnino foi retirado da Presidência por ser um elemento traidor desta tarefa, sua defesa, na tribuna da Assembleia Legislativa, acusava seus perseguidores de falsos getulistas.

Em um momento de constante apelo à figura de Getúlio Vargas como o cimento da idealizada harmonia organizativa, o cenário mostrou-se dificultoso para uma liderança como a de Saturnino Rangel Mauro, primeiro Presidente do PTB estadual, tão logo se elegeu deputado, em 1947.

Mauro era ligado aos sindicatos e aos bairros operários urbanos e buscava uma atuação, senão mais independente, de caráter menos aliancista para o PTB. Quando perdeu a eleição para a Prefeitura Municipal de Vila Velha, cidade vizinha à capital, foi retirado de qualquer cargo de direção do partido, embora, um ano antes, já houvesse sido retirado do comando do PTB.

O pretexto da saída de Mauro era a de que não preparou o partido com candidaturas de envergadura eleitoral no Espírito Santo, de modo que aproveitasse a oportunidade da eleição de Vargas, pelo PTB, em 1950, sendo o ápice o seu descuido na recepção do líder máximo na sua campanha eleitoral, que passava por Vitória.

Entretanto, esta justificativa pode ser relativizada, já que o partido comportou o maior crescimento de bancada na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, era a maior bancada nas Câmaras Municipais de Vitória, Vila Velha e Cariacica e ainda elegeu um prefeito em Cachoeiro de Itapemirim, cidade capixaba importante para a política da época.

Desde 1947 o comando nacional do PTB tentava retirar o partido das mãos dos trabalhadores, de modo a abrir o leque das filiações partidárias, abrigando diversos segmentos sociais. O partido também pendia para uma política de alianças com os diversos partidos que apoiassem Vargas. Assim, a preocupação era que os trabalhadores e sindicalistas não possuíam capilaridade eleitoral.

Porém, Saturnino Mauro, até 1950, possuía uma relativa base eleitoral. Quando não disputou nenhuma eleição, sintomaticamente, foi removido do comando da sigla e excluído do diretório municipal por esforço de um empresário, José Buaiz, e de um burocrata, Edison Cavalcanti. Um tinha os recursos financeiros, o outro, bom trânsito nacional.

Parece-nos, então, que a legitimação do poder rangelista no partido vinha das urnas. A postura de maior independência dele pareceu ser um entrave às alianças. Sua aposta, aventa-se, foi a de arregimentar lideranças locais, como Oscar Paulo, Domício Mendes e outros elementos do interior, muito mais que promover alianças a outras agremiações, apostando mais na força da influência local para os votos, que nas alianças partidárias.

Mas, por isso, quando Mauro não passou pelo crivo das urnas, e ainda perdeu a eleição para a PMVV em 1951, pereceu diante de outros dois interesses. Desta forma, o conflito originário na formação do PTB nacional, revela-se em solo capixaba. Na ocasião, a ala sindicalista foi retirada do poder por ocasião da aliança entre a ala ligada aos burocratas, *amigos de primeira hora de Vargas*, e a ala ligada aos empresários, os *homens da gaita*. Faltava ao sindicalista a força das *amizades* e da *gaita*, restava-lhe apenas a força dos votos, dificultosa em um ambiente marcadamente rural e oligárquico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma & poder: o PTB de 1945 – 65**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, Marta Zorzal e. **Espírito Santo: Estado, interesses e poder.** 1986. 822f.
Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola Brasileira de
Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1986.

FONTES PRIMÁRIAS

Jornal *A Gazeta* (1945 – 1951). Arquivo Público do Espírito Santo.